

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## OFICINA “VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: FATOS DO PASSADO E DO PRESENTE”

Workshop “Violence against women: facts about the past and present”

Alahna Santos da Rosa<sup>1</sup>

Julia Maciel Jaeger<sup>2</sup>

Kimberly Terrany Alves Pires<sup>3</sup>

### Resumo

A *Oficina “Violência contra mulher: fatos do passado e do presente”* foi desenvolvida para compor as ações educativas do Museu Joaquim Francisco do Livramento, do Centro Histórico-Cultural Santa Casa (Porto Alegre/RS), com o objetivo de promover reflexões e debates acerca das desigualdades que marcam a história da mulher. Pensado para o público de ensino médio (14 a 17 anos), parte do acervo histórico e documental do museu, buscando problematizar questões como: desigualdade de gênero no trabalho, violência contra a mulher e o abandono de crianças. A ação educativa prevê visita mediada à exposição de longa duração do museu e interação, utilizando documentos do arquivo da Santa Casa e notícias da atualidade, fazendo um paralelo entre passado e presente. Pretende-se sensibilizar os jovens participantes acerca do papel social atribuído às mulheres, o qual persiste até os dias atuais. Até o presente momento, as experiências resultaram em reflexões pertinentes acerca da temática.

**Palavras-chave:** Educação em Museus. Violência de Gênero. Oficina.

### Abstract

The *Workshop “Violence against women: facts about the past and present”* was developed to be part of the educational activities of Museu Joaquim Francisco do Livramento, from Centro-Histórico-Cultural Santa Casa (Porto Alegre/RS), with the purpose to promote critical reflection and debates about inequalities that marks women’s history. Designed for the high school public (14 to 17 years old), developed from the historical and documentary collection of the Museum, seeking to question issues as: gender inequalities at work, violence against women and child abandonment. The educational activity plans a guided visit to the long duration exhibition of the Museum and interaction using documents from the Holy House’s

<sup>1</sup> Graduanda do curso Bacharel em Museologia/UFRGS. Contato: alahna.s@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso Bacharel em Museologia/UFRGS. Contato: julia.jaeger2013@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do curso Bacharel em Museologia/UFRGS. Contato: kimterrany@gmail.com

archive along with journal news, promoting a parallel between past and present. To date, the experiences have promoted relevant reflections on the theme.

**Keywords:** Education at Museums. Gender Violence. Workshop.

### Considerações Iniciais

A Oficina “*Violência contra mulher: fatos do passado e do presente*” foi desenvolvida como pré-requisito de avaliação da disciplina Educação em Museus, do curso de Bacharel em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ministrada pela professora doutora Zita Rosane Possamai. Com o objetivo de sair da teoria e promover a prática, a proposta era que, em grupos, escolhêssemos uma instituição museológica da Região Metropolitana de Porto Alegre e, a partir da realidade da mesma, propuséssemos uma ação educativa para um público específico.

A escolha do Centro Histórico-Cultural Santa Casa para a realização dessa atividade foi resultado da experiência profissional das autoras deste trabalho. Previsto no quarto semestre do currículo do curso de Museologia da UFRGS, a disciplina de Estágio Curricular em Museus - A, fora cursada por Pires e Jaeger em 2015/2 e por Rosa em 2016. Após a experiência no local, surgiram oportunidades para desenvolver outros projetos acadêmicos no decorrer do curso.

O Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Misericórdia (CHC) tem sua origem no Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOP), criado em 1986, após uma crise financeira, entre os anos de 1970 e 1980, onde a equipe diretiva visava à preservação da memória institucional como alicerce de sua reestruturação. Uma equipe de historiadores, sociólogos e arquivistas começaram o trabalho com a documentação em suporte papel, que teve como objetivo centralizar as informações arquivísticas da instituição<sup>4</sup>.

O Museu foi criado em 1994, o seu nome - Irmão Joaquim Francisco do Livramento - é uma homenagem ao idealizador da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Tinha como sede o porão da Igreja Senhor dos Passos. Nesse período, as atividades do museu se constituíram de seminários e pequenas exposições e todos os funcionários eram contratados

---

<sup>4</sup> CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL SANTA CASA. *Institucional*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/chc-santa-casa/institucional/>>. Acesso em: 12 set. 2015.

para o CEDOP, sem diferenciação entre setores. Além do museu, em 1989, foi criada uma sala de leitura, que posteriormente transformou-se na biblioteca da Santa Casa<sup>5</sup>.

Somente em 2003 foi definida a ampliação das estruturas físicas do CEDOP, institucionalizado como Centro Histórico-Cultural da Santa Casa de Misericórdia, que já contava com os acervos do arquivo, do museu e de uma biblioteca. Desde então, as “casinhas da Independência” – oito casas localizadas na Av. Independência, datadas do início do século XX, construídas para ser fonte de renda, como aluguel para a manutenção da Santa Casa –, seriam desocupadas e passariam por um processo de restauração, para adequar-se aos espaços destinados ao Centro Cultural. O projeto de restauro foi possível a partir da Lei de Incentivo a Cultura e de colaboradores. Em 2010 foi feita a transferência dos acervos arquivístico, arqueológico e museológico para este espaço. O Centro Histórico-Cultural Santa Casa foi inaugurado em 2014<sup>6</sup>.

O CHC é constituído do arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, uma biblioteca, um teatro, sala de ação educativa, salas de múltiplos usos e o Museu Joaquim Francisco do Livramento. Os acervos têm completa ligação com a história da Santa Casa de Misericórdia e a relação da instituição com a sociedade porto-alegrense<sup>7</sup>.

Já faz parte do cotidiano do museu Joaquim Francisco do Livramento a realização de ações educativas para diversos grupos, dentre elas, oficinas, palestras, cursos e caminhadas culturais, que promovem um diálogo enriquecedor entre a Instituição e o público. No entanto, observamos uma lacuna no que tangia o público de Ensino Médio: enquanto o Museu disponibilizava diversas atividades educativas para o público infantil, infanto-juvenil e visitas guiadas para o público acadêmico e especializado na área da saúde, não haviam ações voltadas para o público adolescente. A partir da identificação desta lacuna na grade de ações educativas foi desenvolvido este projeto.

### **Concebendo a Oficina**

O curso de Museologia da UFRGS prevê, em seu sétimo semestre, a disciplina Prática em Exposições Museológicas. A montagem da exposição curricular é um processo que envolve três disciplinas que analisam e projetam a exposição desde a determinação de

---

<sup>5</sup> FRANCO, Sergio da Costa; STIGGER, Ivo. *Santa Casa 200 Anos: Caridade e Ciência*. Porto Alegre; Ed. da ISCMPA, 2003, 200p.

<sup>6</sup> CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL SANTA CASA, 2015.

<sup>7</sup> CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL SANTA CASA, 2015.

sua temática, preocupa-se com as questões de discurso e acervo, planeja a *vernissage*, organiza a realização das visitas mediadas e analisa os resultados após o encerramento da exposição. Em 2017/1 foi lançada no Museu da UFRGS<sup>8</sup> a Exposição Curricular “Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão”, abordando a mulher como tema principal, mostrando as suas lutas e celebrando suas conquistas. A escolha do tema da *Oficina violência contra a mulher* foi consequência da exposição supracitada, visto que as autoras deste artigo foram parte da equipe curatorial.

Após a imersão em pesquisas que tratavam sobre a história das mulheres e das lutas feministas, percebeu-se que havia uma necessidade latente de tratar de questões como a violência contra mulher. A possibilidade de discussão da temática com estudantes de ensino médio, com idades em torno de 14 a 17 anos, tornou-se extremamente atrativa, pois acreditava-se que este público estaria mais aberto e disposto para expressar-se a respeito do assunto.

A oficina foi projetada a partir do acervo presente na exposição de longa duração intitulada “Fragmentos de uma história de todos nós”<sup>9</sup>. Todavia, o exercício de curadoria passa por interpretar um acervo, do qual se podem apresentar diferentes contextos. A partir deste cenário, percebemos que muitas histórias que estavam presentes na exposição acabavam por ser silenciadas, e que o simples fato de propor uma mediação diferenciada seria capaz de evocar dos mesmos objetos presentes em exposição novas versões e protagonistas. Assim, a proposta do projeto era enxergar dentro da exposição de longa duração aspectos que abordam questões sociais da história cotidiana das mulheres em Porto Alegre. Desse modo, foram elencados três objetos/espacos específicos para interpretar esta história: a peruca do Nosso Senhor dos Passos, representando a violência contra a mulher; A roda dos expostos, representando o abandono de crianças; a Botica/Enfermagem, representando a mulher no mercado de trabalho.

Cada objeto escolhido suscita uma rede de histórias e memórias, tanto do passado como do presente, que conforme Maria Célia Santos, a ação educativa em museus permite:

---

<sup>8</sup> Localizado no Campus Centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Osvaldo Aranha, 277 - Bom Fim, Porto Alegre - RS.

<sup>9</sup> A exposição de longa duração “Fragmentos de Uma História de Todos Nós” aborda a história e o desenvolvimento da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, sua relação com a cidade e os marcos da medicina que foram realizados na instituição.

Compreender o objeto, a manifestação cultural, como um ponto de partida para questionamentos, para comparações, para estabelecer conexões entre o velho e o novo, entre arte e ciência, entre uma cultura e outra, para uma análise crítica e para o estímulo da criatividade, fazendo a ponte entre os objetos e a cultura do aluno, potencializando o patrimônio cultural como vetor de produção de conhecimento<sup>10</sup>.

Foi com essa premissa que buscamos proporcionar a vivência dos participantes com o patrimônio em questão. Reforçando essa perspectiva, nos apropriamos do conceito de “objeto gerador”<sup>11</sup>, de Francisco Régis Lopes Ramos, ao utilizar os seguintes objetos como provocadores ou mecanismos de reflexões e conhecimento. O objeto gerador, segundo Ramos:

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. Ora, o exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o se vai saber - leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras<sup>12</sup>.

Para finalizarmos essa primeira parte, citamos Adriana Mortara Almeida: “A ação educativa em museus visa ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação a sua realidade e daqueles que estão à sua volta.”<sup>13</sup> Pensando nisso, essa oficina possui os seguintes objetivos: refletir sobre as questões sociais referentes ao gênero feminino entre os séculos XIX e XXI; apresentar a exposição e problematizar os objetos geradores – peruca, roda dos expostos e enfermaria/botica; analisar documentos, de diferentes momentos históricos, que sejam complementares à temática; comparar as percepções acerca do passado em relação a fatos da atualidade; e estimular os relatos das percepções dos participantes ao final da atividade.

---

<sup>10</sup> SANTOS, Maria Célia Trigueiros Moura. *Museu e educação: conceitos e métodos*, 2001. [Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto], p. 12.

<sup>11</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto - o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004, p. 19- 36; 129-146.

<sup>12</sup> RAMOS, 2004, p. 32.

<sup>13</sup> ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 10, p. 50-56, dez. 1997, p. 50. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36322>>. Acesso em: 19 set. 2016.

## A Ação Educativa na Prática: Relatos de experiência

O desenvolvimento da ação educativa divide-se em três momentos, totalizando em torno de duas horas e trinta minutos de oficina. Na primeira etapa, os estudantes são recebidos na Sala de Ações Educativas do CHC Santa Casa, onde são acomodados e então assistem a uma série de vídeos previamente selecionados. As mídias falam sobre os três eixos que serão abordados na discussão a seguir: violência, abandono infantil e trabalho. Um compilado de vídeos publicitários e recortes de reportagens veiculadas na televisão aberta serve de introdução para o que iremos discutir, utilizado como meio de suscitar dúvidas e comentários que auxiliem os participantes a contribuir com a atividade.

Em seguida, os estudantes são conduzidos ao andar térreo da Exposição “Fragmentos de Uma História de Todos Nós”. Nesta parte da exposição estão dispostos os objetos geradores, conforme citados acima. O primeiro objeto gerador é referente à violência contra a mulher, representado pela peruca do santo de vestir do Nosso Senhor dos Passos (Figura 1). Este exemplar tem uma detalhada indumentária e peruca, esta última realizada a partir de cabelos naturais humanos. Para este caso, há duas versões aceitas historicamente, a primeira versa sobre o pagamento de promessas com o uso de cabelo, entretanto, a versão que nos levou a interpretar este objeto foi à segunda, que fala sobre os casos de adultério, que durante boa parte do século XX, ainda eram considerados um crime, podendo o homem agir com violência perante a mulher pela defesa de sua honra. Assim, uma punição comum era o corte dos cabelos femininos, pois moças de cabelos curtos sofriam preconceito social ou até mesmo eram chamadas de prostitutas. Estes cabelos eram entregues às igrejas, onde eram confeccionadas as cabeleiras dos santos.

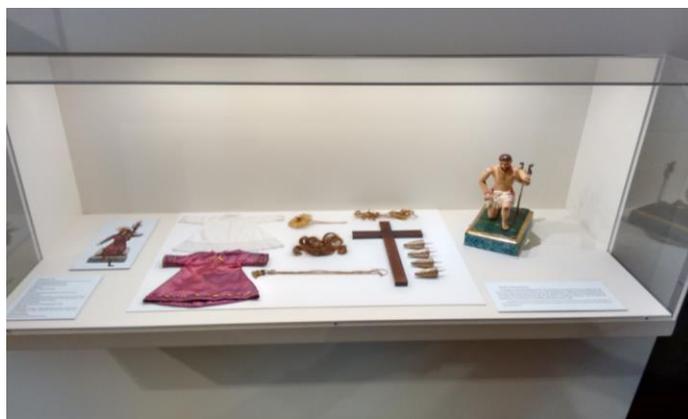


FIGURA 1: Vitrine com o santo de vestir.  
Fonte: As autoras, 2016.

O segundo objeto gerador é, na verdade, o conjunto cenográfico da Roda dos Expostos da Santa Casa ou Roda dos Enjeitados, fazendo alusão ao abandono de crianças (Figura 2). Este recurso foi construído por volta de 1840, sendo instalada em uma janela do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Durante 102 anos, recebeu crianças abandonadas por famílias que chegavam à instituição, principalmente por três motivos: questões financeiras – não tinha condições de manter o recém-nascido; questões sociais – um filho fruto de adultério, uma mulher violentada ou uma mãe solteira; questões de saúde – com o intuito de esconder a gravidez muitas moças utilizavam espartilhos apertados, em consequência poderiam dificultar o crescimento e formação do bebê e, além disso, neste período, sem os serviços hospitalares de uma maternidade, a maioria das mulheres estava realizando seus partos em casa, ocorrendo comumente algumas complicações que ocasionavam no adoecimento da mãe ou do bebê. Entretanto, esta mediação propunha também alertar os casos de abandonos paternos, que fizeram parte da maioria, senão, de todas as crianças deixadas na roda.



FIGURA 2: Cenografia da Roda dos Expostos  
Fonte: As autoras, 2016.

No último núcleo visitado encontram-se peças referentes às Enfermarias da Santa Casa, entre as décadas de 1930 a 1940, e a botica, atual farmácia, os quais foram os

primeiros locais que possibilitaram a inserção da mulher como funcionária dentro da instituição, em um período que o trabalho fora de casa ainda não era bem visto para as mesmas. No entanto, mesmo inseridas no mercado de trabalho, a mulher exercia funções consideradas mais “femininas”, voltadas ao cuidado e ao ensino, como enfermeiras e professoras, estando durante muitos anos condicionadas à liberação do pai ou marido para poder estudar e conquistar uma profissão.

Na Santa Casa, as irmãs franciscanas, vindas da Alemanha, se inserem no trabalho de farmácia por volta de 1890, e durante quase 100 anos foram responsáveis pela organização do hospital. Estas moças tinham formação em farmácia e enfermagem e também faziam parte de congregações religiosas; conquistaram espaço na instituição, ganhando autonomia nas suas áreas de trabalho. Elas estão representadas na exposição por meio de cenografia (Figura 3).



FIGURA 3: Cenografia da Farmácia da Santa Casa  
Fonte: As autoras, 2016.

Após a mediação nessa parte da exposição, o grupo retorna para a Sala de Ações Educativas, onde são subdivididos em três grupos. Cada um destes recebe uma caixa referente aos eixos supracitados, onde se encontra documentos, matérias, tirinhas de HQ<sup>14</sup>, fotos e tabelas que remetem a temática da caixa. Na tampa de cada uma delas, há um trecho de relatos feitos por uma mulher chamada Veridiana Monteiro. Esta mulher foi a

<sup>14</sup> História em Quadrinhos.

personagem escolhida para ilustrar e criar uma conexão entre as caixas, tendo sua história revelada ao final da atividade. Sua vida foi contada no livro *Histórias Reveladas IV da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre*, no capítulo 7 “Trajetória de Vida da Professora Veridiana Monteiro (1863-1935): Uma exposta na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre”<sup>15</sup>. A pesquisa é de Rogério Pons da Silva, jornalista, pesquisador e bisneto de Veridiana.

Cada mediador fica responsável por um grupo de debate, sendo encarregado por auxiliar na complementação das informações e incentivar o debate. Os integrantes do grupo são convidados a interagir entre si sobre a temática a partir dos documentos que vão encontrando na caixa, promovendo um diálogo e reflexão. Depois desse momento, os grupos apresentam para os demais colegas, escolhendo alguns documentos para ilustrar esta reflexão e fazendo com que toda a turma tenha acesso a todas as temáticas e reflexões realizadas durante a ação educativa. E para finalizar a oficina, solicitamos a leitura dos trechos que estão dispostos nas tampas das caixas e, então, apresentamos Veridiana.

O objetivo de trazer Veridiana é mostrar a história de uma mulher que vivenciou e teve sua história registrada a partir de fragmentos documentais, que contemplam as três caixas utilizadas na oficina. Ela foi deixada na Roda dos Expostos quando a mãe deixou o país com o marido, pois ela havia nascido de um adultério cometido pela mãe e um amigo do marido. Teve um irmão adotado por uma família da região e o irmão caçula, ainda no ventre da mãe, foi assumido por seu marido. Cresceu sob os cuidados de uma senhora, D. Fausta, a quem tinha como mãe. Casou-se com Ernesto, um rapaz que trabalhava na botica da Santa Casa, mudaram-se para São Francisco de Paula, tiveram filhos e, ao ficar viúva do marido, Veridiana mudou-se para Taquara com seus filhos e tornou-se professora, ingressando no mercado de trabalho, que exerceria por muitos anos até a sua aposentadoria. Casou-se novamente, Pedro era seu nome e, o segundo casamento, infelizmente, trouxe a ela a experiência da violência (física, psicológica, sexual, moral e patrimonial) contra mulher. Era agredida pelo marido, que atentara contra sua vida e durante a gravidez de um dos seus filhos jogou-lhe um copo de cachaça. Veridiana faleceu aos 71 anos, em Porto Alegre<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> SILVA, Rogério Pons da. Trajetória de Vida da Professora Veridiana Monteiro (1863-1935): Uma exposta na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. In: *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: Histórias Reveladas IV*, v. 4, p. 111-129. Porto Alegre: Evangraf, 2015, 296p.

<sup>16</sup> SILVA, 2015, p. 111-129;

Desde sua primeira realização até a semana em que aconteceu o V Congresso Latino-americano de Gênero e Religião da Faculdade EST, a Oficina *“Violência contra a mulher: fatos do passado e do presente”* foi realizada com três grupos distintos: estudantes de graduação em História da FAPA, um grupo de jovens do 9º ano do Ensino Fundamental do La Salle Niterói (Canoas/RS) e estudantes do 2º ano do Ensino Médio provenientes do ensino público.

A primeira experiência com a oficina ocorreu em forma de roda de conversa com estudantes do estágio obrigatório III - Patrimônio Cultural, do Curso de Licenciatura em História da FAPA – Uniritter. Este momento foi possível, pois recebemos um convite da coordenadora do museu Amanda Eltz, para realizar uma conversa com estes estudantes de estágio, sobre o processo de criação de uma ação educativa em uma instituição museológica.

Primeiramente, explicamos a procedência da atividade, que foi proposta da disciplina de Educação em Museus, relatamos um pouco das teorias que iríamos seguir, como a relação dos objetos geradores, e quais eram os objetivos esperados. Este grupo já havia presenciado mais de uma visita guiada pela exposição de longa duração e, desta forma, não foi necessário repeti-la, apenas relatamos quais seriam os objetos geradores. Em seguida, o grupo foi dividido em duas duplas, entregando para cada dupla uma caixa. A terceira caixa, que falava sobre a mulher no trabalho, foi apresentada previamente para todo grupo, sendo demonstrado todo seu material. As demais foram disponibilizadas para cada dupla realizar a experiência de reflexão com os documentos que encontraram.

Cada dupla teve cerca de trinta minutos para ler os documentos e, durante este período, questionamos algumas questões encontradas nos documentos, gerando assim momentos de diálogo em cada grupo. Em seguida, foi solicitado que escolhessem os documentos que melhor ilustravam a temática de cada caixa, para que estes materiais auxiliassem o relato que fariam em seguida para a outra dupla.

A primeira dupla ficou com a caixa sobre abandono de crianças. Elencaram como documentos interessantes principalmente às reportagens, que demonstravam estatísticas sobre o assunto. A segunda dupla recebeu a caixa sobre violência contra mulher e escolheram dois documentos principais como ilustrativos: uma carta, que é acervo do Museu Joaquim Francisco do Livramento, e um trecho da Lei Maria da Penha, que relata

cinco tipos de violência (física, psicológica, sexual, moral e patrimonial). Durante a apresentação de cada grupo, houve relatos de histórias particulares em muitos momentos.

Ao fim, abrimos espaço para avaliação dos pontos positivos e negativos desta atividade, assim como para sugestões. Em geral, a atividade foi avaliada muito bem, sendo destacado como positivo a sua temática atual, faixa etária adequada, ligação com a cultura material, diferentes documentos apresentados, o acompanhamento dos mediadores a cada grupo sendo balizadores do debate e instigadores, e principalmente pela relação do passado com o presente de forma reflexiva, demonstrando que o museu também é um local de debate e representação de relações da contemporaneidade. Como pontos a serem repensados e melhorados, foram mencionados a adequação da linguagem das cartas do século XIX para um formato mais acessível para adolescentes, e o uso de mais ilustrações, como fotos e propagandas.

No turno da tarde, ocorreu a continuação da atividade com o mesmo grupo. Sugerimos para os futuros professores de história que elaborassem um plano de aula, para ser realizado antes ou depois da visita ao museu e da oficina, onde deveriam introduzir o assunto da violência contra a mulher. Este plano não teve limitações, poderia ser executado ao longo de várias aulas. Cada dupla se reuniu e, após uma hora fazendo o planejamento, nos apresentaram as propostas. A primeira dupla apresentou um plano com cerca de quatro a cinco encontros, onde uma das atividades seria a ida ao museu e a oficina. Neste plano constava introdução ao assunto, avaliação, experiência no museu, atividade de relato da visita e realização de uma peça teatral. A segunda dupla fez um plano mais simples, com uma aula de introdução ao assunto e após a experiência no museu uma atividade de relatório e reflexão.

Após esta experiência, que ocorreu ainda durante a concepção do projeto, solicitamos todo o material produzido no encontro para análise e remodelamento da atividade. A partir deste material foram feitas pequenas adequações, como a pesquisa de imagens e a edição dos vídeos, com propagandas de forte apelo emocional para serem apresentadas durante a oficina.

No dia 23 de novembro de 2016, foi realizada novamente a oficina, com um grupo de estudantes, pertencentes ao grupo de jovens do Colégio La Salle – Niterói, de Canoas/RS (Figura 4). Era um grupo de cinco meninas e um homem, que trabalhava como assessor do grupo, graduando de Teologia na Universidade La Salle, Canoas/RS. Na sala, realizamos uma

breve apresentação e a introdução dos assuntos que iríamos trabalhar na mediação e oficina, respectivamente: violência contra a mulher, abandono de crianças, e o trabalho. Para iniciação passamos um vídeo editado pelas autoras, com a duração de 10 minutos.



FIGURA 4: Sessão de vídeos sobre Violência Contra a Mulher.  
Fonte: As autoras, 2016.

Depois da sessão de vídeo, o grupo foi convidado para realização da mediação no pavimento térreo da exposição, onde foi dado ênfase aos objetos geradores (Figura 5). As três autoras realizaram uma mediação compartilhada, cada uma dando ênfase a um objeto gerador. Durante a mediação houveram questionamentos feitos pelos visitantes. Ao final da mediação no pavimento térreo, foi explicado que voltaríamos à sala, para realização da oficina. Na sala, separamos o grupo em dois trios, sendo que em um dos trios estava presente o assessor, e novamente não utilizamos a caixa 3 – trabalho, pois tínhamos um número pequeno de pessoas participando da atividade.



FIGURA 5: Visita Mediada a Exposição de longa duração.  
Fonte: Amanda Eltz, 2016.

A dinâmica da atividade foi a seguinte: com o recebimento da caixa, as estudantes deveriam ler o documento colado na tampa, para descobrir qual era o assunto que seria abordado em seu interior. Após isso, as estudantes abririam a caixa, conhecendo todos os documentos. Foi pedido que a leitura dos materiais fosse feita para o grupo, assim como, possibilitando que cada membro das equipes pudesse ler pelo menos um documento. A cada leitura a indignação e o debate iam florescendo e, aos poucos, todas do grupo já estavam relatando casos de conhecidos ou divulgados nas mídias sobre os respectivos assuntos. Ao final, foi solicitado que os grupos escolhessem os documentos que mais marcaram o debate e contassem um pouco sobre o que descobriram em cada caixa.

Os relatos foram apresentados e, durante trinta minutos, voltamos a um debate coletivo sobre como todas essas formas de violência afetavam a vida das mulheres ainda na atualidade, repensando assim atitudes que poderiam mudar essa triste realidade vivenciada pelas mulheres. Ainda neste momento, narramos a história da personagem Veridiana, realizando as ligações entre as três caixas, concluindo assim, a oficina.

Após essa experiência, a oficina foi colocada no catálogo de ações educativas do CHC, podendo ser realizada por agendamento prévio das escolas por meio do Museu. Foi dessa forma que realizamos a Oficina pela terceira vez no local, com uma turma de estudantes de uma escola pública de Porto Alegre. A metodologia se deu da mesma forma que o relato anterior, porém, desta vez, o grupo era composto por meninos e meninas, acompanhados pela professora. Ao dividirem a turma, percebemos que havia dois grupos que se uniram por afinidades, o que resultou em um debate mais acalorado sobre o assunto. Os meninos, na maior parte, estavam participativos e atentos para com os relatos das meninas, dando contribuições e demonstrando estarem a par das discussões sobre a temática. As meninas sempre traziam exemplos de amigas e da família, tornando a dinâmica mais pessoal e sensível.

Ao final dessa oficina, quando os grupos deveriam relatar o que havia em suas respectivas caixas, os estudantes ficaram tão animados que elaboraram pequenos teatros e diálogos improvisados para apresentar o assunto trabalhado durante a oficina. A turma se apropriou completamente do tema e da experiência que a oficina proporcionou.

## Considerações Finais

A realização de um projeto de ação educativa, concebido no coletivo e executado em uma instituição museológica, que já tem suas próprias rotinas e atividades, foi um grande desafio. A Oficina *“Violência contra mulher: fatos do passado e do presente”* cumpriu com seu objetivo de trazer um novo público para o Museu, bem como o de proporcionar que o público jovem, a partir do acervo e documentos históricos, refletissem acerca do papel e da posição das mulheres na sociedade no decorrer dos anos.

O primeiro grupo que foi recebido era composto de adultos do ensino superior, que tinham experiência no cotidiano das escolas. Este grupo nunca tinha elaborado uma atividade para ambientes não escolares e, sendo assim, para eles também foi de grande aprendizado o ineditismo de partir de uma temática estabelecida e da cultura material apresentada no museu, da construção de uma oficina, que não apresentava exatamente a temática do museu, mas que possibilitava uma nova interpretação e discussão sobre os objetos apresentados neste espaço. Este momento foi composto de uma grande avaliação do que o projeto propõe e o que a realidade do ambiente escolar poderia adaptar e utilizar desta atividade.

A proposta de um plano de aula foi executada como uma forma de avaliar o que os professores levam das experiências vivenciadas nos museus, se elas são apenas uma forma de lazer ou se são usadas como um espaço não tradicional de educação, que reflete nas atividades do ambiente escolar. Aqui nos deparamos com professores em formação, que às vezes optam por um projeto integrador, com atividades multidisciplinares, mas que às vezes mantêm a postura tradicional, finalizando a experiência da visita ao museu com um relatório. Esta proposta nos alertou para um problema encontrado nestes espaços: a maioria das visitas aos museus termina em si, pouco é explorado, seu potencial como ambiente de debate, e por que não, de reflexão sobre assuntos polêmicos?

Ao elaborar uma atividade educativa em museus, é importante possibilitar um material de auxílio e formação aos professores, pois muitas vezes estes profissionais acabam por não ter tempo para elaboração de atividades novas. Muitos dos participantes dessa atividade relataram que não visualizavam estas conexões, não imaginavam a possibilidade do museu realizar relações do passado e contemporaneidade, muitos ainda alimentavam o estigma de que museu é lugar de coisa velha.

A partir das experiências com os grupos de adolescentes que participaram da atividade, percebemos que grande parte destes já tinha familiaridade com o tema proposto pela oficina e tinham propriedade e vontade de compartilhar o que sabiam e o que haviam lido e vivido acerca da temática. O sucesso nessa ação educativa mostra a importância dos museus atualizarem seus discursos e trabalharem temáticas atuais para suprir as necessidades dos públicos mais jovens.

Em todos os grupos de escolas havia estudantes mais participativos que os outros, o que reflete no micro o que acontece no macro ambiente. Era perceptível, no nível de participação, quem estava se sentindo contemplado pela temática e quem era resistente à mesma. Apesar disso, podemos dizer que a maior parte das meninas que participaram da oficina ficou tocada pela temática e traziam para a discussão muitos dados e notícias. Conforme o esperado, os relatos começaram a aparecer com conhecidos e, quando já estavam mais seguras, relatos de situações do convívio familiar. Todos que participaram da atividade tinham posicionamento crítico sobre o assunto e, como mulheres, relataram que esta realidade deve mudar, demonstrando que no próprio cotidiano já haviam sido vítimas de alguma forma de violência demonstrada na oficina, e que gostariam de fazer ações para mudar isto. Os conteúdos das caixas serviram como um catalisador para elas se manifestarem e compartilharem experiências com as outras, encontrando no grupo meninas - e meninos - que as escutavam e acolhiam.

Muitos meninos se mostraram abertos à temática, relatando o que eles percebiam da convivência com as mães, colegas e amigas, e como estão interessados em ajudar a mudar as desigualdades e violências que assolam a história feminina.

Desta forma, as ações educativo-culturais de um museu devem ter a mesma importância que a produção de suas exposições, aliás, sem elas, a comunicação do museu perderia muito de seu potencial, devem ser ações que trabalham em sintonia para o aproveitamento das potencialidades de um acervo museológico. Conforme Almeida: “A ação educativa em museus visa ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação a sua realidade e daqueles que estão à sua volta.”<sup>17</sup> O museu, como espaço de educação informal, possibilita

---

<sup>17</sup> ALMEIDA, 1997, p. 50.

uma experiência penta sensorial, tendo como grande capacidade relacionar e apresentar o passado pensando no presente.

A experiência foi de aprendizado mútuo, o diálogo se mostrou uma forma simples e muito eficaz. Os jovens têm muito a falar e, desta forma, possibilitamos que eles tivessem um espaço de expressão de forma crítica. A oficina, que começou como uma atividade curricular, hoje faz parte do catálogo de ações educativas oferecidas pelo museu do Centro Histórico-Cultural da Santa Casa. Cada vez que a realizamos, estamos promovendo um espaço de reflexão e discussão importantíssimo, aguçando o sentido da palavra sororidade para as meninas e de empatia para os meninos.

### Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 10, p. 50-56, dez. 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36322>>. Acesso em: 19 set. 2016.

CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL SANTA CASA. *Institucional*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/chc-santa-casa/institucional/>>. Acesso em: 12 set. 2015.

FRANCO, Sergio da Costa; STIGGER, Ivo. *Santa Casa 200 Anos: Caridade e Ciência*. Porto Alegre; Ed. da ISCMPA, 2003, 200p.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto - o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Maria Célia Trigueiros Moura. *Museu e educação: conceitos e métodos*, 2001. [Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto]

SILVA, Rogério Pons da. Trajetória de Vida da Professora Veridiana Monteiro (1863-1935): Uma exposta na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. In: *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: Histórias Reveladas IV*, v. 4, p. 111-129. Porto Alegre: Evangraf, 2015, 296p.